



## A EXISTÊNCIA E O SENTIDO DA VIDA A PARTIR DE QOHÉLET OU ECLESIASTES

William Robson Cazavechia<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de elucidar o que seria, a partir do livro de Eclesiastes (heb. Qohélet), a existência e o sentido da vida. Mais especificamente uma reflexão a partir da perícopes 4,1-3 do livro de *Qohélet* ou *Eclesiastes*. Para tanto, ela se estende também a crise que atingiu a sabedoria tradicional israelita no período pós-exílico. A abordagem restringiu-se especialmente sobre o livro bíblico de *Qohélet*, tido aqui como uma crítica aos dogmas tradicionais da sabedoria israelita. A partir do trabalho exegético pode-se evidenciar que a crença na retribuição temporal, é rechaçada pelo autor do livro mediante sua observação e experiência da realidade. O problema da pesquisa diz respeito justamente a como agora a realidade e a vida seriam explicadas uma vez que o exílio trouxe sérios problemas aos dogmas tradicionais e sobre Deus. A pesquisa foi desenvolvida a partir de consultas bibliográficas com o objetivo de oferecer o ambiente de crise em que Qohélet está inserido. A existência e o sentido da vida são, para o sábio, grandes mistérios que a sabedoria tradicional não pode determinar.

**PALAVRAS – CHAVE:** Pós-exílio; Sabedoria Tradicional; Crise; Sabedoria Crítica

### INTRODUÇÃO

A existência e o sentido da vida são indagações pertinentes ao homem em toda a sua história. Afinal, viver e existir é viver e existir para algo. A finalidade para a qual se dirige nossas ações traduz também seu significado. Existimos e vivemos, mas a questão que nos vem quando assim pensamos é justamente sobre o significado dessas ações, viver e existir. Na história encontramos desde religiosos a ateus oferecendo esclarecimentos sobre a existência e a vida. A busca por aquilo que move a vida de uma pessoa ou povo é o que chamamos de busca de significado. O sentido que a vida tem pode traduzir ações e práticas. Viver e existir, em outras palavras, não é nada, mas, quando se tem um sentido para esses pequenos e tão significativos verbos, tudo muda. Aquilo que pode dar significado ao existir e viver determina a ação e pensamento de muitas pessoas e povos. Deparei-me com esses temas com a leitura de *Qohélet* ou *Eclesiastes*, texto que já refletia sobre eles por volta do século III a. C.

Desse modo, estamos falando, sobretudo, daquilo que chamamos de crise. Não procuramos o sentido da vida quando esse sentido já nos foi dado. Esse questionamento depende do silêncio do mundo e do alarido humano. Isso acontece no terreno da *Krisis*. Clamamos por sentido quando estamos em crise. E estamos em crise quando nos deparamos com o absurdo da própria existência. De acordo com Bornheim (1996, p. 49) a palavra de origem grega *Krisis* quer dizer “escolha”, “julgamento”, “sentença”, “debate” e não tem em si nenhum sentido negativo como acabou assumindo com o passar do tempo.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 4º ano do curso de Teologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; e do 1º ano do curso de Filosofia na Universidade Estadual de Maringá – UEM. Trabalho finalizado pela exigência do curso de Teologia – CESUMAR, sob orientação do Prof. Mt. Marcelo Aleixo Gonçalves. [wrcazavechia@yahoo.com.br](mailto:wrcazavechia@yahoo.com.br)

Ao nos apropriarmos desse termo não fazemos juízo dele. Ora, quem está em crise está diante de escolhas, julgamentos, sentenças e debates. É assim que nos encontramos diante de *Qohélet*.

Frente ao livro de *Qohélet* ou *Eclesiastes*, nos colocamos diante de uma sabedoria crítica, fruto de observações desmedidas feitas pelo sábio israelita. Um livro que se encontra num período crítico da história de Israel. Num período de *Krisis*. O período pós-exílico e posteriores, embora marcados pela tentativa de restauração, ainda sim são períodos de crise. O objetivo desta pesquisa referente a esse período tem justamente na crise seu cerne, mais especificamente a *crise da idéia de Deus* (SICRE, 1994, p. 278). Através da compreensão dessa crise teremos condições de compreender parte do livro de *Qohélet*, ou seja, especialmente a perícopes 4,1-3 selecionada.

O livro de *Qohélet* certamente não é um livro que consola muito seus leitores. Não é também um livro de fácil compreensão e poderíamos dizer que esse desconforto surge devido as suas peculiaridades. Devido ao seu aspecto crítico e a rigidez de suas afirmações, sua leitura produz essa sensação de desconsolo. Esse livro representa assentidamente aquilo de que falávamos a pouco sobre o absurdo que é a existência e a busca pelo significado da vida, pois é evidente a preocupação dele com esses temas. Sobretudo, não faz a questão de oferecer esclarecimento sobre o absurdo que encontra quando se depara com a existência. E também não se preocupa muito em oferecer um sentido para a vida de ninguém. Com esse trabalho pretendemos elucidar como o sábio israelita se depara com a existência e como percebe o sentido da vida frente ao seu tempo e testemunho “debaixo do sol”.

Para tanto, partimos da hipótese de que o livro representa uma crítica a grande parte do que até então a sabedoria tradicional havia postulado sobre o homem, a vida, o tempo e a história. *Qohélet* é fruto de um tempo de crise da sabedoria israelita. Em outras palavras, fruto do período pós-exílico, mais especificamente quando parte do povo israelita encontrava-se sobre o jugo dos Ptolomeus. Resultado de um tempo histórico em que o próprio tempo e história começam a ser questionados.

Este trabalho está dividido em duas grandes partes. Na primeira parte apontaremos uma descrição do período pós-exílico. Seguiremos a isso com as características principais da sabedoria israelita tradicional. Tendo em vista, sobretudo, as implicações principais do exílio para a sabedoria tradicional e a crise produzida pelo mesmo. Na segunda parte apresentamos o livro de *Qohélet* em seu contexto, suas características gerais a partir de alguns autores e a exegese de uma perícopes (4,1-3). A partir dela acreditamos evidenciar como *Qohélet* acaba criticando a sabedoria calcada no dogma da retribuição. Ademais, procuramos demonstrar um dos principais e mais concretos motivos para sua afirmação primeira sobre o absurdo da existência, *vaidade de vaidade, tudo é vaidade* (Eclesiastes 1,2). O autor pretende com o uso do termo *hevel* (Ibeh), traduzido por *vaidade*, afirmar a “condição efêmera da vida humana”. Entre o que já passou e o que ainda virá resta apenas o momento presente (STORNILO, 2002, p. 29). É para ele que a maior parte de suas observações estão voltadas.

## MATERIAL E MÉTODO

A presente pesquisa será desenvolvida a partir de uma perspectiva crítica. Serão considerados os componentes necessários para o conhecimento bíblico, como a história, a antropologia e a sociologia. O método de abordagem é o da teologia bíblica. Método que compreende várias fases no processo de sua execução. Ele reconhece que os textos bíblicos não apresentam um todo sistemático e valoriza suas reminiscências elaboradas em determinados períodos da história de Israel. Assim, sobre as bases dos resultados adquiridos a partir da exegese será desenvolvida a pesquisa e sua posterior interpretação e conclusão. É uma pesquisa do tipo bibliográfico, envolve um árduo processo dialético de

leitura e releitura. O foco da pesquisa é o livro de Qohélet ou Eclesiastes, especialmente a perícopes 4, 1-3. A partir da compreensão do contexto do livro, dos problemas que o envolvem e da exegese da perícopes citada.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As experiências do exílio e do domínio estrangeiro marcaram a consciência histórica do judaísmo. A historiografia deuteronômista e a do Cronista testemunham que o Deus de Israel é o Senhor do mundo e da história, apesar da realidade do exílio e do domínio estrangeiro, respondendo exatamente às dúvidas quanto ao poder de Deus (MAIER, 2005, p.115). A história era tida como palco da ação divina. Por isso a preocupação com ela. Israel era o lugar específico dessa ação. Iahweh sempre age nessa história desvendando o futuro e dando sentido ao presente (GUNNEWEG, 2005, p. 202). Toda a historiografia tem por objetivo responder a “problemática do poder” provocado pelo exílio e pela dominação estrangeira. A afirmação que Israel é o povo eleito de Deus é central e parte daí a preocupação em compreender a relação entre o poder de Deus e o exercido pelo domínio estrangeiro (MAIER, 2005, p. 121).

Gunneweg (2005, p. 322-223), afirma que a obra do cronista, tendo em vista essa preocupação, evidencia alguns temas. O primeiro é que a dinastia davídica está assentada no trono de Deus. O segundo diz respeito ao dogma da retribuição. Esse dogma foi aplicado ao indivíduo em alguns livros da literatura sapiencial. Assim, cada ser humano tem seu destino determinado por suas ações. O terceiro tema advém desse, ou seja, “quem peca é punido”. Daí vem a noção de que o verdadeiro Israel são aqueles que foram para o exílio. O quarto tema é a afirmação de que o verdadeiro Israel é uma teocracia<sup>2</sup>. Todos temas voltados para a tentativa de reafirmar Israel como o povo de Iahweh.

Portanto, mesmo organizado religiosamente, o exílio representa para Israel uma grande crise. Segundo Gunneweg (2005, p. 286), “a perda do Estado, da realeza e, para elite exilada, da terra, do templo e de Sião” representam uma grande catástrofe nacional que questionava a religião tradicional. Afinal, a derrota de um povo na antiguidade equivale a inferioridade de seu deus ou deuses. Agora possivelmente Iahweh poderia ser inferior aos poderes estrangeiros. O exílio foi sinônimo de sofrimento. O cerco em Jerusalém no ano 586 a.C. foi um cerco de horror. “Jerusalém e o templo foram destruídos, e os melhores dentre os filhos de Israel foram levados para o exílio por uma estrada juncada de cadáveres” (VV.AA, 1986, p. 69).

Com Salomão é iniciada a coleta do material gnômico. Havia sábios, profetas, e sacerdotes pertencentes a classe dirigente. Responsáveis não só pelo direcionamento administrativo, mas também espiritual e religioso. Desse modo, enquanto a “sabedoria dos provérbios populares serve ao conhecimento das leis a fim de conseguir segurança para a vida, então a sabedoria tem um novo objetivo: a da formação humana” (ZIENER, 2004, p. 338) dentro do funcionamento administrativo do império salomônico.

Cinco são as obras literárias principais que nos dão acesso a tradição sapiencial de Israel: Provérbios, Jó, Eclesiastes (Qohélet), Sirácida e Sabedoria de Salomão (CERESKO, 2004, p. 54). Na literatura sapiencial<sup>3</sup> de Israel encontramos obras diversas quanto ao conteúdo e quanto a forma. Algumas partes destes escritos pertencem ao

---

<sup>2</sup> Nas palavras de Gunneweg (*Idem*), “a obra do Cronista é um fracasso, (...) a experiência do cotidiano contradiz essa teocracia supostamente realizada, e essa contradição é inegável”. Desse fracasso consideramos a crise no pós-exílio. Crise da qual surge obras como a de *Jó* e *Qohélet*.

<sup>3</sup> “Como “literatura sapiencial” costuma-se classificar textos que vão desde o mais antigo estoque de simples provérbios, passando aos poucos por séries de provérbios sobre o mesmo tema, até trechos em forma de tratados de caráter didático e poético” (MAIER, 2005, p. 104).

período pré-exílico e outras, como *Jó*, *Eclesiastes*, *Eclesiástico* e *Sabedoria*, são posteriores<sup>4</sup>. Nos seus modos existentes ela é manifestadamente pós-exílica. Embora esse tipo literário fosse muito antigo dentro de Israel. “O culto centralizado e instituições da corte introduzidos por Davi e Salomão proporcionaram ambientes oportunos para a literatura de salmos e de sabedoria a ser cultivada por funcionários régios” (GOTTWALD, 1988, p. 318). Assim a tradição judaica assumiu Davi como responsável pelos salmos e Salomão como sábio. Portanto, a atribuição de salmos e livros sapiências a Davi a Salomão respectivamente são tardias e pouco seguras. Mesmo que essa literatura tenha mesmo suas raízes no pré-exílio tal atribuição seria apenas uma forma de oferecer aos textos autoridade canônica.

O livro de *Qohélet* foi elaborado com extremo cuidado. É uma fusão excepcional de elementos de gêneros numa reflexão prolongada (GOTTWALD, 1988, p.536). Líndez (1999, p.49), a partir de seus estudos, reconhece não haver uma estrutura global do livro, “sim a (sic) estruturas parciais e a (sic) ligações propositadas na maioria das perícopes”. Essa é uma solução intermediária entre autores que dizem não encontrar no livro um progresso de pensamento e, autores como é a posição de Ceresko (2004, p.106), que dizem haver progressão do pensamento. Tal posição reconhece a unidade de composição de *Qohélet*, não o desestrutura, mas também não o expõe sem dificuldades. A unidade do livro se compõe das incessantes elucidações feitas a partir da primeira afirmação do sábio, encontrada no prólogo e no fim, formando uma inclusão, no sentido de que na vida humana tudo é *hevel* (1,2; 12,8): *vaidade de vaidades tudo é vaidade* (lb,h' lKoh; ~ylib'h] lbeh). *Qohélet* é definido por Prévost (1996, p. 194), como arauto da sabedoria crítica. Obriga seu leitor a uma confrontação entre a teoria e a experiência. Ademais, o autor trabalha com estruturas de pensamento polares como: vida e morte, lucros e perdas no trabalho, no amor, na riqueza e na sabedoria, poder político e falta de poder, segurança e insegurança, e assim por diante sem render-se ao pólo positivo. “O resultado é uma agitada mistura de disputas (...); deveríamos viver as relatividades de nossa vida alegremente, sem nenhuma confiança em castigo ou recompensa” (GOTTWALD, 1988, p. 537-538). *Qohélet* expressa a experiência de que Deus está inacessível ao ser humano. Está oculto e com isso dilui todo o otimismo dos dogmas otimistas da tradição.

Sumariamente, para autor a existência, através de suas observação, é silenciosa. Um silêncio que permite sua opção pelo seu oposto. Existir não significa apenas respirar, significa saber o motivo pelo qual se existe. A existência depende, então, de um sentido para a vida. Esse sentido se perde quando alguém coloca-se sobre os alicerces da tradição e não da própria vida. Porque assim, quando já não se consegue ver a realidade como tal, torna-se comum, por exemplo, todas as opressões que são cometidas debaixo do sol. Existir e viver são existir e viver para algo. O que para *Qohélet*, a partir da exegese elaborada, são viver e existir mantendo-se em oposição ao poder instituído e controlador. É melhor nem existir, quando a existência e a vida são ignoradas devido aos lençóis conceituais e religiosos que cobrem as cabeças daqueles que zelam por uma tradição e não por pleno sentido para todo o trabalho que realiza debaixo do sol.

## REFERÊNCIAS

AHARONI, Yohanan, et. all. *Atlas Bíblico*. RJ: CPAD, 1999.

---

<sup>4</sup> São anteriores ao exílio partes dos ditos de Salomão, Pr 10,1-22,16; 25-29; e alguns salmos sapienciais. As datas aproximadas dos outros escritos pós-exílicos são: *Jó*, séc. III a.C.; *Eclesiástico*, cerca de 250 a.C.; *Eclesiastes*, cerca de 190 a.C.; e, *Sabedoria*, séc. I (ZIENER, 2004, p. 337).

ARENHOEVEL, Diego. O Período Pós-Exílico, Período Anônimo. In: SHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. SP: Teológica/Paulus, 2004. Capítulo XVI, p. 317-332.

BARRERA, J. Treballe. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BÍBLIA, Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. Nova Edição, Revista e Ampliada.

BORNHEIM, Gerd. Crise da Idéia de Crise. In: NOVAES, Adauto (org.). *A Crise da Razão*. SP: Companhia das Letras, 1996. Capítulo IV, p. 47-66.

BRIGTH, John. *História de Israel*. SP: Paulus, 2003.

BROWN, William P. Uma Atualização na Pesquisa da História de Israel. In: BRIGTH, John. *História de Israel*. SP: Paulus, 2003, p.553-575.

CERESKO, Anthony R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. SP: Paulus, 2004.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. SP: Paulus, 1988.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. SP: Teológica/Loyola, 2005.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias*. SP: Teológica/Loyola, 2005.

HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. SP: Vida Nova, 1998,

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. SP: Editora Vida, 2005.

LÉVÊQUE J. O Ensino dos Sábios. In: VV.AA. *Os Salmos e os Outros Escritos*. SP: Paulus, 1996. Capítulo II, p. 101-130.

LÍNDEZ, José Vilchez. *Eclesiastes ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999.